

AUTOBIOGRAFIA DE Nicolae Ceaușescu



UM FILME DE ANDREI UJICA

ICON PRODUCTION APRESENTA AUTOBIOGRAFIA DE NICOLAE CEAUȘESCU EM ASSOCIAÇÃO COM SOCIETATEA ROMÂNĂ DE TELEVIZIUNE COM O APOIO DE CENTRUL NAȚIONAL AL CINEMATOGRAFIEI HFG / ZKM FILMINSTITUT COM A PARTICIPAÇÃO DE MEDIA PARTNERSHIP PROJECTO DESENVOLVIDO EM COOPERAÇÃO COM NEUE MIRA FILMPRODUKTION COM O APOIO DE NORDMEDIA FONDS GMBH ARGUMENTO E REALIZAÇÃO ANDREI UJICĂ EDIÇÃO E DESIGN DE SOM DANA BUNESCU CONSULTOR VISUAL VIVI DRĂGAN VASILE RSC COLORISTA ROBERTA RĂDUȚA PESQUISA DE ARQUIVOS TITUS MUNTEAN PRODUZIDO POR VELVET MORARU DISTRIBUIÇÃO CLAP FILMES



SINOPSE

No decurso do julgamento sumário a que foi submetido juntamente com a esposa, Nicolae Ceausescu revê a sua longa estadia no poder: 1965-1989. Trata-se de um quadro histórico que, na sua abrangência, se assemelha aos frescos do cinema Americano, como é o caso daqueles que abordam a Guerra do Vietname.

Andrei Ujica vasculhou mais de mil horas de imagens de arquivo e trabalhou durante quatro anos para fazer este filme. A partir de vídeos oficiais e privados, idealizados pelo próprio ditador romeno, o realizador traça um fascinante percurso de ascensão e queda de Nicolae Ceausescu.

A AUTOBIOGRAFIA DE NICOLAE CEAUSESCU O terceiro olhar de Ceausescu

Serge Daney afirmou que com o nascimento do cinema – há mais de um século – todos os eventos históricos passaram a existir também num formato cinematográfico. Andrei Ujică transporta este conceito ainda mais longe e atesta, na sua espantosa “Autobiografia de Nicolae Ceausescu” que a vida de uma figura histórica mediática pode ser reconstruída com base nas suas imagens de arquivo. Por outras palavras, é-nos possível construir um filme de “ficção” utilizando personagens reais – uma espécie de “Truman Show” em que Truman não seria mais uma personagem interpretada por Jim Carey, mas antes o homónimo presidente americano. “A Autobiografia de Nicolae Ceausescu”, a terceira etapa da trilogia que começou com “Videograms of a Revolution” e continuou com “Out of the Present” não é um “documentário”, ou sequer um “drama real”; é uma “ficção” com personagens históricas reais. Ujică não filmou nada, porque já tinha todo o material de que precisava: ele limitou-se a editar o material “com Ceausescu” e a reconstruir a sua aventura histórica – uma aventura que, por estarmos a lidar com um dirigente de estado, moldou o destino do próprio país.

“Puro e simples” é apenas uma expressão: o filme de Ujică é o mais puro possível, mas está longe de ser “simples”. Não apenas porque para conseguir três horas de filme, o realizador teve de assistir a milhares de horas de filmagens; mas porque para um projecto desta escala o conceito é tudo e a “Autobiografia” culmina com este “terceiro olhar” (que é a imagem do filme) e a reflexão sobre ele, sobre a História e a Ficção.

O filme de Ujică é relevante aos mais variados níveis. Por um lado porque o “terceiro olhar” não tem sido abordado com frequência no cinema, embora seja uma reflexão tão relevante que até já foi abordada por escrito. (As “Histoires du Cinema” de Godard, servem como um dos mais importantes exemplos). Por outro lado não estamos a lidar com uma imagem tradicional, mas com imagens altamente codificadas, aparentemente neutras e “impessoais”: as imagens oficiais de um ditador. Ujică teve igualmente acesso a vídeos caseiros de Ceausescu (durante as suas férias, nas montanhas, na praia, a caçar, etc.), mas montar estas imagens, juntamente com as oficiais transmitidas pela televisão significa mais do que um bom material jornalístico: funciona quase como uma legitimação do “terceiro olhar” no seu sentido mais fundamental e profundo. Trabalhando, sobretudo, a partir de imagens oficiais, Ujică alcançou o admirável paradoxo de trazer à baila (e aqui está outra característica que faz com que “A Autobiografia” seja tão apelativa) a alternatividade inerente ao cinema. É como viajar incessantemente com os

Ceausescu, mas sem ser visto por eles, como se Orson Welles tivesse capturado a sua história doméstica e a fosse converter num magistral “Citizen Ceausescu”.

E como é que Ceausescu “se sai” por si só? Inesperadamente complexo! A sua vertiginosa ascensão política de rude rapaz do campo, a seguidor de Gheorghiu-Dej, à sua “entrada” no funeral de Dej, ao autoritário e despótico líder convidado de honra em todos os países do mundo (da China e Coreia do Norte, à Casa Branca e ao palácio de Buckingham): tudo é subentendido através da sua leviandade privada e talento político público. Ceausescu vai-se, gradualmente, revelando como simultaneamente inteligente e ingénuo, inspirado e acabado, repulsivo e fascinante. O “terceiro olhar” está a observá-lo, implacável e compreensivo, como uma espécie de jornal – não como um jornal de cinema, mas antes como um jornal íntimo ou um diário – que permanecerá como testemunha no seu “julgamento” (e que parece, propositadamente, filmado com uma “câmara oculta”).

Alex. Leo Șerban





ANDREI UJICĂ

Nasceu em 1951 em Timisoara, na Roménia.

Com formação na área da Literatura, Ujică opta por vincular-se ao cinema em 1992 quando realiza “Videograms of a Revolution”, em parceria com Harun Farocki, que rapidamente se transforma num marco cinematográfico acerca da relação entre o poder político e os media na Europa, nos finais da Guerra Fria. O seu segundo filme “Out of the Present” (1995), acompanha a história do astronauta Sergei Krikalev, que passou 10 meses numa estação espacial, enquanto na terra, a União Soviética se dissolvia. “Out of the Present” tem sido comparado a filmes tão emblemáticos como “2001: Odisseia no Espaço” ou “Solaris” e é famoso por ser um dos mais falados filmes de não-ficção dos anos 90. “A Autobiografia de Nicolae Ceausescu” encerra a sua trilogia dedicada à queda do comunismo.

Andrei Ujică assinou também dois projectos encomendados pela *Fondation Cartier Pour L’Art Contemporain*: “2 Passolini” (curta-metragem 2008) e “Unknown Quantity” com Paul Virilio e Svetlana Alexievitch (instalação 3D 2002, screen version 2005).

ENTREVISTA COM ANDREI UJICĂ

Realizou três filmes, uma trilogia sobre o fim do comunismo histórico. O primeiro “Videograms of a Revolution” (1992) foi executado em parceria com Harun Farocki e apresenta a revolução romena a partir de uma fria e distante montagem de materiais de vídeo e televisão datados de Dezembro de 1989. O segundo filme “Out of the Present” (1995) relata a história do astronauta Sergei Krikalev, que passou dez meses numa estação espacial, durante os quais o mundo assistia à queda da União Soviética. Aqui encontramos, mais uma vez, uma perspectiva distante, a que nos poderíamos mesmo referir como uma perspectiva olímpica. O terceiro projecto, sobre este tema, “A Autobiografia de Nicolae Ceausescu” (2010), está precisamente focado na personalidade ideológica do ditador. Foquemo-nos neste último trabalho. Como é que o fez?

Em todos estes filmes a primeira parte do trabalho, que é, aliás, bastante longa, é a fase de pesquisa. Para “A Autobiografia de Nicolae Ceausescu” tinha, como ponto de partida, aquele que era, de longe, o mais extenso arquivo de imagens com que já tinha trabalhado: no total tinha mais de 1000 horas de filmagens com Ceausescu. Existiu, naturalmente, uma fase de pesquisa preliminar. Tive dois investigadores que visionaram as 1000 horas de gravações, que podem ser maioritariamente encontradas no *National Film Archive* e na Televisão Romena. A partir daí, extraíram, com base num determinado critério e ordem cronológica, os materiais relacionados com os momentos mais importantes da vida de Ceausescu. Só aludi aos 25 anos em que ele governou, desde o momento que subiu ao poder, em 1965, até 1989. O filme termina a 20 de Dezembro de 1989, uma vez que já tinha filmado a revolução em “Videograms of a Revolution”. O material pré-seleccionado tinha uma duração de 250 horas. Vi-o hora por hora, escrupulosamente, como um funcionário que vai todos os dias para o escritório trabalhar.

E o que é que viu exactamente? Que tipo de personagem se vai formando ao longo destas 250 horas?

Quando se observa uma determinada pessoa ao longo de oito horas diária, a dada altura, alguma coisa acontece. Ainda que a maioria das imagens de Ceausescu sejam imagens ritualizadas de protocolo. Não tinha acesso a nenhum arquivo privado – aliás nem acredito que semelhante coisa exista – recorri ao arquivo de imagens de um Chefe de Estado. O que existe, no entanto, são as chamadas relíquias no início e final das películas, que preservam os momentos mais genuínos. Não é uma grande descoberta: todo o indivíduo é – antes de saber que está a ser filmado e depois de pensar que as filmagens terminaram – mais fiel a si mesmo e à sua verdadeira natureza. Mantive sobretudo esses momentos que são bastantes e que

considero geniais. É assim que começamos a conhecer alguém. Passado algum tempo começa a ganhar-se acesso, começa-se a compreender os seus micro-gestos, a sua linguagem corporal, as inflexões na sua voz... Posso dizer que teve lugar uma transformação, a sua imagem humanizou-se, de certa forma. Quando era novo, Ceausescu era como uma tela na qual eu projectava o meu ódio por qualquer forma de totalitarismo. Vivi sob a sua influência dos 14 aos 29 anos, quando deixei a Roménia. Mas durante todo este tempo ele não foi para mim mais do que o objecto abstracto do meu ódio cerrado. Quando comecei a trabalhar neste filme, propus-me a transformar Ceausescu em algo mais concreto. Foi quando me perguntei: como era o homem por trás da personagem que marcou de forma tão determinante as vidas das pessoas da minha geração? A coexistência que existia entre nós e aquele homem era uma coexistência forçada. Ele conduzia-nos à demência com a sua omnipresença. Tentávamos, ao máximo, escapar-nos dele e é claro que nestas circunstâncias havia sempre alguns aspectos que acabávamos por negligenciar. Vivíamos com ele diariamente, sem nunca o termos conhecido realmente.

De onde surgiu a ideia de fazer a autobiografia de uma figura que lhe é tão desagradável? Foi – lhe, seguramente, evidente desde inicio o que implicaria ver 1000 horas da vida de Ceausescu e que isso significaria, inevitavelmente, mais tempo de convívio com ele.

As coisas acabaram por se compor naturalmente. Em Dezembro de 2005, fui até Bucareste porque a televisão romena estava a emitir o “Videograms of a Revolution” pela primeira vez – com um atraso de 13 anos. Foi nessa altura que esbarrei na Velvet Moraru, que tinha sido minha assistente nesse filme e que, entretanto, se tinha tornado produtora. Foi ela quem me apresentou a proposta. Ela perguntou-me se não achava que já era altura de ser feito um filme sobre Ceausescu. Contou-me que tinha imaginado uma biografia, mas que seguisse uma abordagem objectiva, como aquela que tínhamos utilizado em “Videograms”. Eu respondi-lhe que sim, que gostaria de fazer o filme, mas só se conseguisse fazê-lo sob uma perspectiva cinematográfica. A objectividade é um critério científico e não estético, e os meus filmes seguem mais uma linha estética. Regressei à Alemanha e, três meses mais tarde, o meu amigo Peter Sloterdijk ofereceu-me um livro como presente. Ele sabia que durante aqueles últimos anos eu me tinha interessado sobre a vida de Fidel Castro. Quando desembulhei o livro, a capa dizia: “A Autobiografia de Fidel Castro, um romance de Norberto Fuentes”. O título de Fuentes era, naturalmente, uma paráfrase. Nos anos 30, Gertrude Stein escreveu “A Autobiografia de Alice B. Toklas”, como forma a poder escrever as memórias de Toklas a partir de uma perspectiva diferente. Li este título como um incentivo, ou até mesmo como uma ordem para questionar a natureza ideológica do ditador e do signo histórico que regeu o século XX. Foi assim que comecei a trabalhar na autobiografia de Ceausescu.



JORGE MOURINHA – IPSILON

Três horas (que passam a correr) de um trabalho alucinante de montagem e ilustração sonora que desenham a Roménia comunista como um "conto de fadas": "A Autobiografia de Nicolae Ceausescu".

O título é todo um programa: "A Autobiografia de Nicolae Ceausescu". Reconhecemos nele o humor escarninho e seco que aprendemos a identificar com a recente "nova vaga romena" - só que Andrei Ujica, o seu autor, não pertence a essa vaga, vivendo e trabalhando na Alemanha desde 1981 (como professor de cinema) e filmando (nas áreas do documentário e da não-ficção) desde 1992.

Esta "Autobiografia", portanto, não é uma ficção mas um documentário. E é um objecto avassalador: Ujica limitou-se a pegar em imagens de arquivo pesquisadas minuciosamente nos acervos da televisão e do serviço cinematográfico estatal romenos, e montou-as cronologicamente para desenhar a ascensão e queda do líder comunista romeno Nicolae Ceausescu, desde a morte do seu antecessor Gheorghe Gheorghiu-Dej em 1965 até à sua prisão, julgamento sumário e execução em 1989.

São três horas (que passam a correr) de um trabalho alucinante de montagem e ilustração sonora (a cargo de Dana Bunescu) que desenham a Roménia comunista como um "conto de fadas", reino mítico tão falso como a reconstituição de momentos históricos da nação a que Ceausescu assiste a certa altura do filme. Um país com o seu quê do fantasioso "melhor de todos os mundos possíveis" de Voltaire, no qual um "apparatchik" medíocre e provinciano como Ceausescu, sem fazer mais do que meter a cassette de meia-dúzia de lugares-comuns da retórica marxista, podia criar a fantasia ilusória de ser um grande líder mundial.

A verdade, contudo, estava bem à vista de quem olhava com atenção – e estes filmes que serviam de propaganda do regime revelam também as suas fragilidades, da ilusão inocente daqueles que acreditavam realmente nos "amanhãs que cantam" à condescendência com que os dignitários estrangeiros tratavam Ceausescu (exemplares são as imagens das visitas estatais à China e à Inglaterra).

No limite, o triunfo de "A Autobiografia de Nicolae Ceausescu" é o de pegar nestas imagens e, ao recontextualizá-las num outro momento histórico, mostrar-nos como uma imagem está longe de se esgotar no mero registo fotográfico. O filme de Andrei Ujica é uma lição superior sobre o poder das imagens, uma verdadeira "master class" de montagem e realização e uma aula de história a que é urgente assistir. Por onde quer que se veja, "A Autobiografia de Nicolae Ceausescu" é um monumento.

JAY WEISSBERG – VARIETY

A chave para “Autobiografia de Nicolae Ceausescu” é a palavra *autobiografia*. A extraordinariamente poderosa montagem feita a partir de imagens de arquivo não é um testemunho dos terríveis crimes do ditador, mas antes uma inteligente manipulação da própria propaganda de Ceausescu utilizada para transmitir a sua devastadora crítica, não só à sociedade romena, mas também ao sistema político internacional: todos permitimos que isto acontecesse.

O documentário de Ujicã, que conquistou compreensivelmente os estatutos de culto e de obra polémica na Roménia, exige muito do espectador. As figuras históricas apresentadas permanecem por identificar e não existem dobragens ou explicações textuais que possam interferir com a neutralidade das imagens. Também não são apresentadas datas, embora o filme nem sempre siga uma sequência cronológica. O documentário inicia-se e termina da mesma forma: exibindo as cenas do, bem conhecido, julgamento de Ceausescu e da mulher Elena, pouco antes das suas execuções em Dezembro de 1989. Da cena inicial, em que o casal é filmado com uma aparência frágil e debilitada durante o seu julgamento, Ujicã e o seu editor passam para 1965 com a morte do presidente romeno Georges Gheorghiu-Dej, quando Ceausescu assume a liderança da Roménia. Seguem-se cenas que mostram a Roménia da época, um lugar aberto à influência externa: homens e mulheres sofisticados (que não teriam destoado se fizessem parte de uma cidade da Europa Ocidental) são mostrados em festas ou a caminhar nas ruas. São também mostradas lojas com grande variedade de bens de consumo e fábricas a trabalharem a um ritmo acelerado. Tudo isto advém, naturalmente de imagens oficiais de arquivo, cuidadosamente recolhidas de forma a fazer a Roménia parecer um país moderno. No entanto, quando comparadas com imagens posteriores (recolhidas após a tomada de poder de Ceausescu) o cenário parece muito mais pobre e contido, mesmo tratando-se de imagens de propaganda. Ujicã inclui uma série de excertos de discursos de Ceausescu, tornando fascinante para o espectador a possibilidade de acompanhar a sua sucessiva desagregação. Os poderosos – embora extremamente previsíveis – discursos iniciais do ditador, vão sendo substituídos por expressões como “socialismo”, “trabalhadores” e “materialismo dialéctico”, como se de mero paliativo se tratassem, sem qualquer sentido ou significado oculto. Claro que a situação é precisamente a oposta e Ceausescu usava mão de ferro para controlar os cidadãos romenos, enquanto simultaneamente discursava, acerca da boa vontade entre os Homens. Esta compreensão do passado histórico romeno devia ser um pré-requisito para assistir ao filme, embora não seja essencial que todos os espectadores fora da Roménia reconheçam o ditador, ou os aduladores do regime. O importante é que a audiência seja capaz de identificar Richard Nixon, Charles de Gaulle, Imelda Marcos, Mão Tse-Tung e uma série de outros líderes que, embora soubessem da repressão na Roménia, continuaram a apoiar Ceausescu. Neste aspecto, o filme de Ujicã apresenta um olhar

particularmente condenador à superficialidade diplomática, que em muitas ocasiões ajuda a esconder a tirania (assistir aos elogios que Jimmy Carter tece à política de Ceausescu é, particularmente, perturbador). O realizador não poupa também o seu povo, apresentando a Roménia sob um olhar igualmente crítico, insinuando subtil mas devastadoramente que a monomania crescente de Ceausescu (alimentada, em grande parte, pelas homenagens que lhe foram prestadas pela China e Coreia do Norte) foi sendo sustentada pelo frenesi da população que assistia aos seus discursos. Desta forma, o que começa por ser um “vejam por aquilo que passámos” transforma-se num “vejam aquilo que permitimos” com o realizador a apresentar o povo romeno como passivo e complacente face à ambição desmesurada de um homem por poder. As imagens oscilam entre segmentos a cores e a preto e branco, com alguns planos que parecem ter sido pensados para o grande ecrã. Nas cenas sem som, Ujicã opta por conservá-las silenciosas (mantendo somente o som magnético e empoeirado da película no *background*), ou por ampliar a essência do filme (acrescentando o som de passos ou dos aplausos da multidão). A escolha irónica da banda sonora (“I Fought the Law”, por exemplo) consagra um comentário tão poderoso como a sua perspicaz edição.

FICHA TÉCNICA

Argumento e realização: ANDREI UJICĂ

Edição e Som: DANA BUNESCU

Fotografia: VIVI DRAGAN VASILE RSC

Pesquisa: TITUS MUNTEAN

Produção: VELVET MORARU

2010 – 180 min' – ROMÉLIA | ALEMANHA